

Prefácio

Sinésio Ferraz Bueno

Como citar: BUENO, S. F. Prefácio. *In:* CARVALHO, A. B. (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 9-14 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p9-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Este livro sobre educação, ética e interculturalidade, não é apenas uma obra relevante nos tempos atuais, mas também um retrato fiel das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (GEPEES) nos últimos anos. Os dezesseis textos que compõem a coletânea estão divididos em dois setores distintos, sendo o primeiro deles dedicado a reflexões sobre ética, educação e formação, e o segundo aos estudos acerca da decolonialidade e interculturalidade no campo educativo. À primeira vista, quase se poderia pensar na existência de uma oposição ideológica entre as duas partes do livro, em virtude do nítido descompasso entre os dois temas. O primeiro deles trata de diferentes abordagens derivadas de um núcleo comum, que é a formação do sujeito individualizado e autônomo, gestados nos moldes iluministas da *Bildung*, ao passo que o segundo expõe reflexões declaradamente antagônicas a tais ideais, pois valoriza referências teóricas antieurocêntricas e pós-coloniais.

Na primeira parte do livro, os ideais racionalistas de formação de um sujeito emancipado aparecem por meio de diferentes recortes teóricos, representados por pensadores consagrados da cultura ocidental, como Aristóteles, Kant, Steiner, Jonas, Piaget e Freud. As reflexões sobre ética e formação ali desenvolvidas remetem ao horizonte teórico universalista que caracteriza as ciências humanas, desde a ética aristotélica, até a psicanálise freudiana. Em contrapartida, na segunda parte deste livro, os textos

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p9-14>

compartilham de um consenso fundamental, que diz respeito à completa inadequação das matrizes eurocêntricas para o conhecimento da cultura latino-americana, especialmente em relação ao estudo da ancestralidade ameríndia. É importante deixar claro que, na perspectiva decolonial adotada na segunda parte do livro, não se trata somente de um descompasso teórico, mas da denúncia de um processo histórico de etnocídio, que submeteu as culturas originárias das Américas aos padrões racionalistas da modernidade europeia.

O contraste entre os dois conjuntos de textos que compõem a presente coletânea provisoriamente pode ser bem compreendido quando recorremos ao dualismo entre “ser” e “estar”, sugerido pelo filósofo argentino Rodolfo Kusch para espelhar a oposição entre a cultura europeia e a ancestralidade ameríndia. Para Kusch, o processo colonizador se baseou na imposição de padrões civilizatórios impregnados por imperativos de progresso, higiene, previsibilidade e domínio senhorial, que podem ser sintetizados em uma determinada concepção de “ser” autárquico e dominador do medo diante das potências da natureza. Em oposição radical à ontologia europeia, o indígena americano desde tempos primordiais anteriores à violência colonizadora, sempre valorizou modos de vida baseados na busca de harmonia e equilíbrio entre homens e natureza. A ancestralidade ameríndia é perpassada por formas rituais de “estar” conjugadas com os ciclos cósmicos e completamente despojadas dos ideais de controle e de domínio técnico sobre a natureza. A oposição entre o “ser” europeu e o “estar” ameríndio é suficientemente nítida quando consideramos os ideais higienistas impostos pelos padrões europeus no desenvolvimento urbano, em sua obsessão de limpar todos os espaços de convivência dos resíduos de fedor e de sujeira representados pelo povo indígena.

Então, ao adotarmos o dualismo proposto por Kusch, torna-se imperativo nos tempos atuais a recuperação de uma relação cósmica de equilíbrio na relação com a natureza, sob pena de que a própria vida humana possa se tornar completamente inviável, dados os ritmos ecologicamente insustentáveis de exploração dos recursos naturais. Duas imagens apresentadas na segunda parte do livro são muito apropriadas para ilustrar a importância ética de modos de vida amparados pela simplicidade e economia de meios do “estar” popular e ameríndio. Alonso Bezerra de Carvalho faz menção à “vida densa e divina que pulsa nas pessoas e no mundo”, enquanto Genivaldo de Souza Santos, em referência a Ailton Krenak, remete a uma outra vida possível, mediada pela utopia de “gozar sem nenhum objetivo”. Tais imagens citadas pelos articulistas da presente obra, são suficientemente eloquentes como signos ilustrativos da urgência de processos formativos e de uma cultura política que esteja voltada para a desativação do rolo compressor do progresso técnico que há séculos está voltado para o domínio e destruição sistemática da vida natural.

Mas se a presente coletânea pode ser compreendida mediante a oposição entre modos de “ser” ancorados no domínio instrumental da natureza e do próprio homem, e modos de “estar” sintonizados com uma harmonia cósmica, estaríamos diante de uma autêntica oposição ideológica entre duas perspectivas que sequer poderiam ser organicamente organizadas em uma obra comum? A resposta a essa interrogação é negativa, uma vez que as referências teóricas mobilizadas pelos autores do módulo europeu e moderno deste livro remetem a modos de ser que representam horizontes universalistas plenamente compatíveis com o despojamento ameríndio diante da natureza. Os ideais de ética e de formação almejados na primeira parte do livro contemplam justamente o acolhimento da alteridade que se faz necessária para que a ancestralidade ameríndia possa ser recepcionada sem preconceitos intelectualistas e

mecanismos emocionais de defesa que habitualmente bloqueiam a relação com o Outro.

Para entender a relação de complementaridade entre as duas partes do livro, é relevante lançarmos mão de um argumento precioso de Ailton Krenak. Em sintonia com esse brasileiro importante no atual momento histórico, os dois conjuntos de artigos que ora se oferecem à leitura buscam, cada qual à sua maneira, “evitar o fim do mundo”, porém divergem unicamente em seus diferentes entendimentos sobre em que consiste esse mundo a ser salvo. Em outras palavras, trata-se de pensar que a justa medida da ética aristotélica, o rigorismo moral kantiano, a responsabilidade de Hans Jonas, a evolução cognitiva piagetiana, e o equilíbrio emocional freudiano, representam certas dimensões do “ser” que se mostram compatíveis com a recuperação da dignidade humana em sua relação com o cosmos, com a natureza e com a própria humanidade. O imperativo ético e político de “evitar o fim do mundo” põe em circulação modos historicamente distintos de desenvolvimento da consciência e da intersubjetividade. Quando consideramos conceitos filosóficos muito importantes da obra de Hegel, e levamos em conta que a superação dialética de sistemas culturais e políticos de opressão requer o mútuo reconhecimento da alteridade, se torna possível entender que prevenir o fim do mundo envolve, antes de mais nada, superar a coisificação do Outro. Nesse sentido, o sujeito moderno e o sujeito ameríndio compõem duas perspectivas que devem ser postas em uma relação efetiva de reconhecimento, que tenha por objetivo romper o recolhimento abstrato e narcísico da consciência consigo mesma.

A relação entre as duas partes desta obra, que é o resultado coletivo de pesquisas acadêmicas teoricamente consistentes acerca de diferentes concepções de liberdade, uma delas segundo a modernidade europeia, outra consoante com os modos de “estar” da América profunda, não deve

ser vista como oposição ideológica, mas sim como oposição dialética no sentido hegeliano do termo. Nos horizontes de uma polaridade dialética, em que cada um dos termos saiba reconhecer no Outro o complemento necessário de sua própria imperfeição e finitude, o dualismo entre o “ser” e o “estar” poderá configurar um novo espaço para o reconhecimento da diferença sob a perspectiva do consenso racional. As duas formas de consciência, cada qual a seu modo, devem reconhecer seus próprios limites mediante o acolhimento da alteridade que lhe falta: ao sujeito moderno, cabe assumir sua própria sede de paz e de equilíbrio cósmico com o mundo natural; ao sujeito ameríndio, cabe abrir-se a processos de evolução da consciência moral e intelectual que ampliem seus horizontes de existência.

A interculturalidade aqui proposta configura um momento decisivo para o progresso da consciência de si, que se realiza no encontro da alteridade irreduzível, e no dilaceramento entre duas concepções de mundo que estão destinadas à superação de sua condição presente de antagonismo. Embora essa integração entre os dois mundos possa parecer utópica, muito pelo contrário, ela é historicamente possível, e a própria existência de alguém como Ailton Krenak, que é líder indígena, filósofo e ambientalista contemporâneo, representa a mais concreta corporificação desse horizonte dialético. Ao lado de Krenak, e em homenagem à sua corajosa resistência política e intelectual em tempos tão tristemente sombrios como os atuais, as duas partes deste livro prestam-se à composição de paraquedas coloridos que possam evitar o fim do mundo.

Marília, setembro de 2021

Sinésio Ferraz Bueno

UNESP

